

As várias fases da obra de Malangatana (VII)

Contribuir para a cultura de Moçambique

Esta edição apresenta aquela que podemos considerar a última fase — até hoje — da obra de Malangatana. A que se estende de 1980 até agora.

Mas, para quem tem podido estar a par da obra do artista, novos sinais surgem já de que algo está a fermentar. Este período está a esgotar-se e, estamos certos que — como sempre até agora — Malangatana está prestes a surgir-nos com outra proposta.

Em fins de 1980, Malangatana regressa a Maputo onde assume a Direcção do Departamento de Artesanato da Secretaria de Estado da Cultura. E recomeça a pintar, aprofundando as suas experiências do período de Nampula num transportar para a tela de todas as novas propostas que ali desenvolvera no desenho.

Essas suas novas obras, caracterizam-se pelo uso de um cromatismo baseado em tons de laranja, castanhos e vermelhos surdos e o iniciar de aberturas de espaços em cores mais vivas, mantendo a esperança anunciada nos desenhos.

UMA PROPOSTA DE QUALIDADE

A sua participação em exposições colectivas continua, estando patente em Londres, Lisboa, Porto, para além da Beira e Maputo,

e acompanha a exposição intitulada «Artistas de Moçambique» a Moscovo, Sófia, Berlim e Luanda.

Em 1984, junto com o escultor Alberto Chissano, desloca-se à Índia onde realiza uma exposição em Nova Deli e, no ano seguinte, tem uma exposição individual em Lisboa e outra, de desenho, em Almada (Portugal).

Também durante esse período, recebe um convite de «Artistas do Mundo contra o Apartheid» para participar na exposição que esse Comité de Artistas da ONU, resolveu levar a efeito.

Essa exposição, que continua a deslocar-se pelo Mundo, esteve já em Paris, em várias cidades da Finlândia, em Lund, na Suécia, em Copenhaga e em Marselha e o convite que lhe foi feito representa não só um apelo à sua posição progressista como o reconhecimento da sua qualidade de ar-

tista, pois a exposição «Artistas do Mundo contra o Apartheid» pretende não só ser um grito contra o regime racista de Pretória como também uma proposta de qualidade — para o que nela foram convidados a participar os nomes mais considerados no Mundo das Artes Plásticas.

DESMONTANDO FALSOS CONCEITOS

Porque Malangatana se tornou também uma espécie de embaixador artístico de Moçambique, e porque as suas «individuais» foram realizadas quase que a nível privado, a maior parte das atenções da Informação foram sob a forma não de crítica mas de entrevistas, procurando saber o que o artista moçambicano tem a dizer da sua arte, do seu povo, de Moçambique. E Malangatana vai desmontando muitos dos falsos conceitos por aqui e por ali espalhados.

«(...) hoje, em Moçambique além da produção artística, há um trabalho de investigação e recolha. (...) Estamos a fazer o estudo que ontem não foi possível fazermos, por causa da circunstância histórica», diz Malangatana ao «Jornal de Letras» que o entrevistava através de Júlio Pinto, e acentua: «Repare que quando



Na exposição «Homenagem dos Artistas Moçambicanos a Picasso», esta foi a de Malangatana

se diz que Moçambique é um país novo, é preciso perguntarmos: novo sob o ponto de vista político ou sob o ponto de vista cultural?

«O país não nasceu com a descoberta colonial. O país já existia, com a sua comida, as suas tatuagens, os seus ritos, os seus rios».

A Guiomar Belo Marques, no «Cadernos Terceiro Mundo», Malangatana faz notar que: «Nós não estamos preocupados em fazer todos os dias uma pintura militante, mas qualquer artista que se integre no dinamismo, acompanha a criação do homem novo. Temos visto alguns artistas cuja arte é muito superior àquilo que eles pensam como homens».

É também em «Cadernos Terceiro Mundo» que Rui Mário Gonçalves escreve: «Se as pinturas que Malangatana realizou entre 1959 e 1963, estavam explicitamente ligadas aos temas de curandeirismo

e de feitiçaria, reparava-se porém que representava feiticeiros com cruces cristãs penduradas ao pescoço e africanos com longos cabelos».

«Desde então, é uma obra que não deixará de criar a ocasião para um apelo diante dos fossos que separam os homens. Ou bem que preferimos entrar no mundo como numa grande mascarada, ou bem que procuramos as qualidades universais em vez das particularidades dos pequenos grupos», e o crítico português chama a atenção para que «Se (...) a imagem está mais próxima da vida diurna habitual, o desenho é mais sereno, há suavidade na luz e na cor, as formas simplificam-se», e acentua que há quadros «onde se incluem sinais das artes decora-

tivas locais que não são dos menos interessantes pela síntese ou confrontação de grafismos de ordem individual e de ordem colectiva».

CONTRIBUIÇÃO PARA A CULTURA MOÇAMBICANA

A terminar esta série de «apanhados» de algumas das críticas, apontamentos e registos sobre as várias fases da obra de Malangatana, que demonstram bem quanto ele tem contribuído para a Cultura moçambicana, queremos recordar que tal facto foi plenamente reconhecido em 1983, quando a Medalha de Nachingwea lhe foi atribuída por esse facto.

J. N.